

ESPECIAL

200 anos da Imigração Alemã no RS

CORREIO DO POVO
Pense independente

Contribuição imigrante para a economia

Há 200 anos chegaram os primeiros alemães ao Estado. De lá para cá, muitos negócios e indústrias nasceram pelas mãos dos pioneiros e de seus descendentes e ajudaram a impulsionar o desenvolvimento do RS

POR FELIPE FALEIRO

A pujança da economia do Rio Grande do Sul ao longo dos séculos deve-se, em grande parte, às contribuições dos imigrantes. Revoluções e disputas territoriais à parte, muitos negócios nasceram aqui pelas mãos dos pioneiros e seus descendentes. Mais recentemente, dentro de um processo de mundo sem fronteiras, companhias alemãs com atuação global passaram a fixar-se no Estado, ajudando a impulsionar o desenvolvimento desta região até os dias atuais.

No contexto da chegada dos primeiros colonos de origem germânica, há 200 anos a serem completados no próximo dia 25 de julho, é preciso reconhecer que tal chegada foi um dos fatores que consolidou o território gaúcho como referência econômica, desde os primeiros caixeiros-viajantes, ou *Musterreiters*, profissionais que, no início da imigração, percorriam longas distâncias nas colônias e em Porto Alegre. “Vejo a contribuição desta cultura como algo extremamente relevante para o desenvolvimento do Estado e do país”, afirma o empresário Agnelo Seger, representante da Federação das Indústrias do Estado do RS (Fiergs) na Comissão Estadual do Bicentário da Imigração Alemã e cujos próprios antepassados chegaram ao território gaúcho em 1854.

Mas o Rio Grande do Sul era diferente no momento em que os primeiros 39 germânicos aportaram em São Leopoldo, no Vale do Rio dos Sinos, em 1824, a começar por ser a Província de São Pedro do Rio Grande. Após o desembarque, os viajantes recebiam do governo imperial lotes de terras de 48 a 77 hectares. Na visão da pesquisadora Tatiane Bartmann, então mestranda pela PUCRS, em artigo apresentado no 11º Encontro Estadual de História, em 2015, o imigrante alemão “destacase como importante elemento motivador da industrialização no Rio Grande do Sul”.

O conceito é seguido por outros, como Heloísa Reichel, das universidades Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e do Vale do

Rio dos Sinos (Unisinos), na obra “A industrialização no Rio Grande do Sul na República Velha”. Já os pesquisadores Lucildo Ahlert e Sirlei Gedoz, da Universidade do Vale do Taquari (Univates), disseram que “provavelmente, o imigrante possuía um poder de compra maior do que aqueles que, radicados em outras regiões do país, se integraram à massa assalariada do campo e da cidade”.

Há, conforme Tatiane, três visões no ambiente acadêmico sobre como o imigrante alemão transformou uma indústria até então baseada em meios e produtos artesanais em grandes negócios. Em uma delas, o industrial germânico seria o antigo artesão que desenvolveu seus em-

prendimentos. Uma segunda diz que houve uma ruptura, pois, quando os proprietários de terra reuniam rendas suficientes para importar itens do exterior, os estabelecimentos artesanais eram extintos. Já a terceira afirma haver coexistência entre ambos.

Na realidade, não há um consenso de como a indústria “virou a chave”, mas há certas características que poderiam explicar este processo. Imigrantes estabelecidos em diferentes colônias fabricavam produtos distintos, de forma geral utilizando o conhecimento aprendido previamente. Para o professor Martin Dreher, doutor em Teologia pela Universidade Ludwig Maximilian, de Munique, na Alemanha, criador do Núcleo

de Estudos Teuto-Brasileiros na Unisinos e autor de mais de 50 livros, os imigrantes passaram a se capitalizar e a exportar primeiramente produtos coureiros, depois os excedentes de alimentos.

“A partir de 1824, o Brasil passa a receber gente que tem métodos mais avançados de agricultura do que os existentes até então por aqui. Havia uma infinidade de profissionais desembarcando”, afirma Dreher. Conforme ele, o Império, no século XVIII, havia proibido atividades como as de tecelão, confiscando e incendiando, por exemplo, rocas e teares dos açorianos em Santa Catarina. “Eles (Império) queriam que os produtos viessem de Portugal”, conta o professor.



GUILHERME ALMEIDA

Projeto de 1910, a Cervejaria e Fábrica de Gelo Bopp & Irmãos foi projeto do arquiteto Theo Wiederspahn. Hoje abriga o Shopping Total

Leia mais

Acompanhe o especial do CP sobre o Bicentário da Imigração Alemã. Novas matérias na edição impressa todo último domingo do mês. Conheça também o site especial sobre o bicentário. Aponte a câmera do seu celular para o QR Code e acesse materiais exclusivos do especial.



ESPECIAL

200 anos da Imigração Alemã no RS

CORREIO DO POVO

Pense independente



GUILHERME ALMEIDA

O começo das atividades dos alemães no Rio Grande do Sul

Conforme já relatado pelo **Correio do Povo** na primeira reportagem desta série, publicada em fevereiro, os germânicos vieram ao Brasil por meio de sucessivas ações do governo imperial, que, por sua vez, percebeu que precisava reduzir a mão de obra escrava e ter homens à disposição para guerras como a do Paraguai, do Prata e a própria Revolução Farrroupilha, ocorrida aqui. Chegando, os pioneiros puseram em prática seus conhecimentos e fundaram negócios.

Outro aspecto relevante no ponto de vista econômico é o de que os imigrantes de origem germânica também trouxeram do outro lado do Atlântico seus sobrenomes, que indicam as ocupações das famílias, tradição esta advinda da Idade Média. Assim, Müller, o mais comum da Alemanha, é moleiro, antigo profissional ligado à moagem de cereais. Schneider é alfaiate, Fischer é pescador, Schuster é sapateiro, Weber é tecelão, Schmidt vem de Schmied (ferreiro) e Becker provém de Bäcker (padeiro).

No livro “O Trabalho Alemão no Rio Grande do Sul”, o jornalista e historiador Aurélio Porto afirmou que a indústria alemã em solo gaúcho surgiu em 1825, um ano após a chegada da leva pioneira de imigrantes de língua germânica, quando Luiz Rau ergueu seu primeiro curtume em São Leopoldo. Mas há quem atribua o pioneirismo do curtimento

a Nicolau Becker, que teria chegado ao Vale do Sinos em 1797 — antes da primeira leva de desbravadores de língua germânica —, ou em 1829, fundando no ano seguinte, 1830, um empreendimento do tipo em Novo Hamburgo, então parte de São Leopoldo.

Grande parte do couro vinha do gado também utilizado para a fabricação do charque, que sustentou a economia gaúcha durante décadas. Outro produto de relevância nesta época e após foi o calçado, que colocou o Vale do Sinos no mapa global durante séculos, dada sua qualidade. Tudo começou com o descendente Pedro Adams Filho e sua fábrica Calçados Adams na mesma Novo Hamburgo, que enxergou a oportunidade advinda com a nova ferrovia Porto Alegre-Novo Hamburgo. Antes, a produção era artesanal. Segundo a professora Claudia Schemes, doutora em História pela PUCRS, o imigrante alemão “trouxe o hábito de andar calçado”, e sua matéria-prima era a sola do couro não utilizada pelas demais indústrias.

Para escoar os produtos pela via fluvial, os alemães criaram também companhias de navegação, como a Arnt, de Jacob Arnt, considerada em sua

época a mais importante do Rio Grande do Sul e que também transportava passageiros. A demanda era alta. Em 1902, a companhia transportou 9.329 pessoas e 216.021 volumes de cargas. Já em 1933, foram 75.355 pessoas e 1.941.109 volumes. No ano seguinte, uma fusão com outra empresa ampliou as cargas em 75%, alcançando 3,6 milhões de unidades.

Com a logística ainda incipiente, na segunda metade do século XIX, destaca-se ainda as figuras dos “cinco Jacobs”, homens de mesmo nome que dominavam o transporte pelos rios dos Sinos, Caí, Jacuí e Taquari, este último por Arnt. Com efeito, logo também foram criadas casas comerciais. Uma delas foi a Bromberg & Cia, fundada por Martin Bromberg, que havia chegado ao Brasil em 1863, e cuja matriz ficava na cidade alemã de Hamburgo. Meio século mais tarde, o negócio, considerado “o mais forte do Brasil” na ocasião, tinha filiais em Rio Grande e Porto Alegre, além de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Bahia e ainda na Argentina, bem como representantes comerciais em toda parte.

Comercializando “de tudo para o lar”, conforme registra a pesquisadora Janete Rocha

Machado, doutora em História pela PUCRS, as lojas Bromberg eram conhecidas como “Palácio Encantado da dona de casa” e eram um exemplo do “alto comércio teuto-rio-grandense no Brasil”, afirmou ela. Com a ampliação, a empresa passou a especializar-se na exportação de produtos a partir da Alemanha e depois na construção de ferrovias, como entre Novo Hamburgo e Taquara, e pontes de ferro — no RS, em Cruz Alta, Alegrete e no Rio Pardo, além de turbinas, moinhos, motores, entre outros.

A empresa encerrou as atividades com a crise econômica global de 1929. Outra foi fundada por João Gerdau, imigrante natural do então reino da Prússia, depois de 1870, na Colônia de Santo Ângelo, hoje município de Agudo. Em 1883, Gerdau abriu uma filial em Cachoeira do Sul. Dezoito anos depois, o imigrante comprou a Cia. Fábrica de Pregos Pontas de Paris, em Porto Alegre, então à beira da falência, repassando o empreendimento ao filho Hugo. A matéria-prima vinha da Alemanha. O nome da empresa foi alterado para João Gerdau & Filho, tornando-se o ponto de partida da Gerdau, hoje uma das maiores empresas do país, com atuação em todo o mundo.

Antigo edifício da fábrica de A.J. Renner, na esquina das ruas Frederico Mentz e Lauro Müller, em Porto Alegre

ESPECIAL

200 anos da Imigração Alemã no RS

CORREIO DO POVO

Pense independente

Vocação de outras partes do Estado

Outras regiões gaúchas colonizadas por alemães tiveram vocações industriais diferentes. Nas Missões, onde os imigrantes se estabeleceram a partir do início do século XX, o solo fértil fez com que a região de Cerro Largo se destacasse no cultivo agrícola e no maquinário relacionado. “As primeiras carretas agrícolas do Brasil, as grandes prensas para a cana e a fabricação do schmier e do melado, além da selecionadora de sementes de soja foram criadas em Cerro Largo”, afirma Guido Hentz, historiador e voluntário à frente do Museu 25 de Julho, mantido no município pelo centro cultural homônimo.

Em Panambi, a colonização germânica fortaleceu a metalurgia, fazendo com que o município seja destaque no segmento metal-mecânico. Um estudo da Universidade de Cruz Alta (Unicruz), assinado pela administradora Edla Kuntz e pela economista Enedina Silva, mostrou que a atividade do setor iniciou a partir da “necessidade de os agricultores fazerem suas próprias ferramentas no cultivo da terra”.

No começo do século XX, em Estrela, no Vale do Taquari, dominavam fábricas de azeite, curtumes, cervejarias, destilarias, refrigerantes, entre outras. Como exemplo, a Fruki Bebidas foi fundada em 1924 em Arroio do Meio por Emilio Kirst, neto de alemães naturais de Hochscheid, no Hunsrück. Já em Encantado havia indústrias como de queijo, salames, álcool e conservas.

A região de Santa Cruz do Sul também tornou-se próspera. Metade dos lares dos germânicos no final do século XVIII tinha uma roca de fiar, com a qual eram confeccionados fios de algodão e linho para tecidos. “Em 1886, já viviam 381 artífices, profissionais com conhecimentos inexistentes até então por aqui”, conta Lissi Bender, vice-presidente da Academia de Letras de Santa Cruz do Sul, doutora em Ciências Sociais pela Universidade de Tübingen, na Alemanha e vencedora, em 2016, do prêmio Distinção Imigração Alemã.

Segundo ela, isso representava mais de 60% dos imigrantes chegados até aquele ano. “A maioria dos alemães que vieram para cá sabiam ler e escrever”, acrescentou Lissi. A força do trabalho, somada à educação, fez com que os colonos superassem a produção de subsistência apenas dez anos após

sua chegada inicial. Ali também os imigrantes ajudaram a elevar o valor da indústria do tabaco a partir da segunda metade do século XIX, e que não parou mais de crescer.

Um artigo do professor Pedro Cezar Dutra Fonseca, da Ufrgs, mostrou que o cultivo do arroz pela técnica da irrigação no RS começou pelos alemães na década de 1890, em Taquara (Colônia de Santa Maria do Mundo Novo) e Santa Cruz, embora o Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) registre que, ainda antes, em 1875, já havia 16 engenhos arroseiros na Colônia de Santo Ângelo, hoje município de Agudo, “sendo provável que a cultura já existisse, portanto, bem anteriormente a esta data”, diz o órgão estadual.

O arroz com casca foi exposto pela primeira vez em 1881, em Porto Alegre, pelo alemão Francisco Knebel. Fonseca afirma também que os imigrantes alemães foram responsáveis pela produção do vinho em maior escala no RS. A banha foi outro importante item agrícola cuja

produção foi iniciada pelos alemães e, em parte, pelos italianos. A partir dela, em meados de 1870 e 1880, o plantio do milho também foi impulsionado, já que os colonos utilizavam o grão para alimentar os suínos depois utilizados para fabricar banha, segundo o pesquisador Paulo Adam, da Universidade de Passo Fundo (UPF).

A banha de porco, aliás, foi o primeiro produto da empresa de alimentos Carlos H. Oderich & Cia., fundada em 1908 em São Sebastião do Caí por Adolph Oderich, que, por sua vez, desembarcou em 1879 no Brasil, vindo de Wittenburg, na Saxônia-Anhalt, e seu filho, Carlos Henrique. Deu certo e, hoje, a Oderich Alimentos é uma indústria consagrada nacionalmente na fabricação de conservas.

Porém, o grande destaque gastronômico veio por meio da cerveja. Nascido em Kempfeld, na região de Hunsrück, Georg Heinrich Ritter chegou ao Brasil em 1846 e fundou, em 1868, a Cervejaria Ritter, a primeira comercial do Rio Grande do Sul,

no território do atual município de Linha Nova, na Encosta da Serra. Mas historiadores dizem que o pioneirismo na produção da bebida em solo gaúcho veio pelas mãos do imigrante Ignácio Rasch, em 1824 ou 1825, logo após a chegada dos primeiros colonos a São Leopoldo.

Mais tarde, os três filhos de Georg fundaram fábricas em Porto Alegre e Pelotas e, no final do século XIX, havia fábricas de cervejas em vários municípios gaúchos. Nesta época, o neto de Georg, Frederico Augusto Ritter, migrou do ramo cervejeiro para criar, em 1919, outra indústria de destaque, a atual Ritter Alimentos, especializada em doces e conservas e sediada na avenida que leva o nome de seu fundador, na Granja Esperança, município de Cachoeirinha, na região metropolitana.

Não é novidade para quem vive na região do 4º Distrito, na zona Norte da Capital, que grande parte dos edifícios históricos foi erguida por imigrantes germânicos. Os exemplos são inúmeros. Fundada em



GUILHERME ALMEIDA



GUILHERME ALMEIDA

Acima, antiga fábrica da Neugebauer e, abaixo, edifício de Fiação de Lã e Tecelagem de A.J. Renner. Ambos em Porto Alegre

1873 para a fabricação de cofres, fechaduras, fogões, camas, entre outros, a fábrica Berta tinha cerca de 3,2 mil metros quadrados de área e ficava na rua Voluntários da Pátria, entre a Garibaldi e a Ernesto Alves, no bairro Floresta. O local, depois, foi demolido.

O fundador da fábrica foi Emmerich Berta, avô de Ruben Berta, ex-presidente e o primeiro funcionário brasileiro da extinta Viação Aérea Rio-Grandense (Varig) e que dá nome a outro bairro da Capital, entre outros logradouros. Outro sócio da fábrica foi Alberto Bins, nascido e falecido em Porto Alegre, e que em 1893 comprou a indústria, modernizando seus processos de trabalho. Bins, filho de alemães, foi também prefeito da capital entre 1928 e 1937.

No número 230 da avenida Cairu, foi erguida em 1903 a primeira fábrica de chocolates do Brasil, a Neugebauer Irmãos & Gerhardt, fundada em 1891 pelos irmãos Max e Franz Neugebauer, mais o sócio Fritz Gerhardt. A marca, depois, se transformaria na Neugebauer, outra potência no segmento alimentício. Projeto de 1910, a Cervejaria e Fábrica de Gelo Bopp & Irmãos, na avenida Cristóvão Colombo, foi projeto do arquiteto Theo Wiederspahn, e, na época, o maior em concreto armado do país. O negócio mudou de donos sucessivas vezes e o prédio, em 2003, passou a abrigar o Shopping Total.

Na área do Navegantes, destacam-se também os dois edifícios da A. J. Renner, um para fiação de lã e tecelagem, projeto de Carl Hartmann de 1922, na esquina da rua Frederico Mentz, nome de seu ex-sócio, com a travessa São José, e outro somente para tecelagem, do arquiteto Egon Weindorfer de 1934, na travessia da Frederico Mentz com a rua Lauro Müller. A empresa em si, fundada primeiramente em São Leopoldo por Renner, Mentz e Christian Trein e, anos mais tarde, modificada para Porto Alegre, era considerada prolífica fabricante de capas para chuva.

O negócio tornou-se a Lojas Renner, uma das maiores varejistas de moda do Brasil. A. J. Renner, por sua vez, que nomeia uma importante via da zona norte, foi presidente do então Centro das Indústrias do RS (Ciergs) e deputado estadual entre as décadas de 1930 e 1950. Já o complexo passou a abrigar empreendimentos de vocação como o DC Shopping e o Instituto Caldeira, nomeado devido às caldeiras trazidas da Europa por Renner. Outra indústria criada por descendentes alemães foi a Wallig, fabricante de fogões, fundada por Pedro Wallig em 1904, e que logo se tornou a maior do produto em solo nacional.

ESPECIAL

200 anos da Imigração Alemã no RS

CORREIO DO POVO

Pense independente

Empresas fundadas aqui por imigrantes e outras que vieram de lá para cá

Se algumas comunidades industriais estavam capitalizadas, em outras, formadas em sua maioria por agricultores e suas famílias, era preciso prover suporte financeiro. A solução encontrada foi o cooperativismo de crédito, cujo primeiro sistema do tipo na América Latina foi criado pelo padre Theodor Amstad em 1902, na atual localidade de Linha Imperial, interior de Nova Petrópolis. Nele, os colonos depositavam as sobras de suas economias, que, então, eram novamente aplicadas na mesma região ou emprestadas a outros moradores locais. O negócio expandiu-se para outras colônias e depois, todas foram agregadas no que é hoje o Sicredi, cooperativa com atuação nacional e, ao mesmo tempo, local.

“Em nosso modelo de atuação, conseguimos estar mais próximos das comunidades, bem como contribuir com a preservação da identidade cultural, que para nós, é um patrimônio gigantesco das nossas regiões, gerando impactos positivos”, diz Tiago Schmidt, presidente do Conselho de Administração da Sicredi Pioneira, justamente a primeira a ter sido

fundada por Amstad. “Quanto mais preservamos esta identidade, mais reforçamos, por exemplo, a matriz econômica do turismo. Por isso, cada cooperativa cuida de uma região específica, respeitando e fortalecendo estes laços”, acrescentou.

Criada em 1927, em Porto Alegre a partir das ideias do alemão Otto Ernet Meyer Labastille, a Varig, primeira companhia aérea brasileira, foi conhecida por sua qualidade e seu marketing de encher os olhos, e não raro figurava entre as melhores aéreas privadas do planeta. Da Alemanha também vinham inicialmente as aeronaves operadas pela companhia. A partir de sua primeira rota entre a capital, Pelotas e Rio Grande, a empresa passou a dominar os céus de todo o mundo, inaugurando destinos para quase todos os continentes. A empresa ingressou em recuperação judicial em 2009 e em falência no ano seguinte. No entanto, seu legado irá persistir, por exemplo, no empreendimento Flying Park Memorial Varig, a ser implementado em Nova Petrópolis, inclusive com a exposição de uma antiga aeronave Boeing 727.

Com a passagem das déca-

das, mais empresas alemãs aterrissaram no Rio Grande do Sul — literalmente, no caso da Fraport Brasil, empresa concessionária do Aeroporto Internacional Salgado Filho por um período de 25 anos. Em contraste a isso, ainda há muitos pequenos e médios negócios, principalmente em municípios do interior gaúcho, preservando a tradição germânica, geralmente no ramo gastronômico, e considerando as especificidades locais.

Assim, nestas cidades, há uma profusão de cafés coloniais, restaurantes, cervejarias, lojas de artigos típicos, sítios de lazer e o que mais se puder imaginar. Com efeito, caminhos turísticos e iniciativas como a Rota Romântica, entre Nova Petrópolis e São Leopoldo, o Vale Germânico, entre São Leopoldo e Santa Maria do Herval, o Rio Pardinho, em Santa Cruz do Sul, a Rota Germânica, em Teutônia e Westfália, entre outros, foram criados para atrair turistas e movimentar a economia local, além das festas típicas presentes em praticamente todos os municípios.

São Leopoldo, berço da colonização alemã, hoje conta com escritórios e fábricas de companhias nascidas naquele país,

como a SAP, de tecnologia, Gedore e Stihl, de ferramentas diversas. Na cidade, a Câmara Brasil-Alemanha no Rio Grande do Sul (AHKRS) tem cinco empresas vinculadas, que geram entre sete a oito mil empregos diretos, e somente três delas já ajudam a contribuir com 30% do Produto Interno Bruto (PIB) local. O Brasil, conforme a entidade, tem o maior parque fabril de empresas alemãs fora do país europeu, com investimentos diretos de 18 bilhões de euros, por volta de R\$ 100 bilhões.

De acordo com Seger, da Fiergs e da Comissão Estadual do Bicentenário, nos tempos passados era “extremamente importante” que uma pessoa também falasse o alemão para ser contratada em uma empresa de varejo de ascendência germânica. “Quando chegava algum cliente do interior, a ideia era a de que ele se sentisse em casa. Hoje, isso não é mais tão relevante”, contou o empresário, que também é CEO do Grupo Herval, com sede em Dois Irmãos, e especializada em segmentos como o moveleiro, de tecnologia e varejista.

Para ele, a inspiração germânica nas empresas brasilei-

ras traz confiabilidade para a clientela em geral. “Vejo que em muitas coisas cultivamos mais tradições aqui do que na própria Alemanha. Os grupos de dança e sociedades geram muito entusiasmo no pessoal (do exterior) que vem aqui instalar máquinas na nossa companhia, por exemplo. Há até uma disputa dentro do fornecedor de quem virá. E temos marcas na empresa às quais fazemos questão de ressaltar esses valores germânicos”, diz ele.

Na visão do presidente da AHKRS, Cleomar Prunzel, a imigração alemã, bem como de outras etnias, foi fundamental para a formação da identidade gaúcha. “Em todas as áreas, tudo guarda traços dos que chegaram aqui, no caso dos alemães, 200 anos atrás. Sem essas heranças, seríamos outro povo, nossas cidades seriam outras, tudo seria diferente. Somos o que somos pelo que nos foi passado. As empresas alemãs, especialmente, trouxeram modos de fazer que, por se mostrarem acertados, acabaram se disseminando, ajudando a criar uma cultura empresarial e produtiva própria, que hoje nos diferencia dos demais estados do Brasil”, ressaltou.

São Leopoldo, berço da colonização alemã, hoje conta com escritórios e fábricas de companhias nascidas naquele país, como a Stihl, de ferramentas diversas

GUILHERME ALMEIDA / CP MEMÓRIA

